

A política do DF

O Distrito Federal, além de sede dos Poderes da República, será palco, a partir de janeiro, de movimentada luta política. A vitória do PT empurra para a oposição o grupo do governador Joaquim Roriz, que deteve a hegemonia política da cidade por dois mandatos e se apresentava como força incontestável.

Antes da chegada de Roriz a Brasília, a luta ideológica centrava-se em temas nacionais. A política local circunscrevia-se ao âmbito das lideranças comunitárias. Brasília, como cidade, exibia apatia política. Os debates estavam confinados ao meio universitário e ignoravam os temas paroquiais.

A autonomia política da cidade, com a criação da Câmara Legislativa, iniciou a mudança. Mas a aceleração do processo deu-se com a migração para cá do político goiano Joaquim Roriz. Nomeado governador pelo presidente Sarney, disputou e venceu a primeira eleição direta da cidade, exercendo seguidamente dois mandatos, com base em decisão da Justiça Eleitoral, que gerou grande controvérsia. No mandato que ora finda, Roriz implantou sua polêmica política de assentamentos, que consistia em dar às populações sem-teto um lote semi-urbanizado, com largo prazo de carência para início do pagamento.

A iniciativa, acusam os adversários do governador, aumentou as migrações para o DF e tornou

Roriz um homem popular, proprietário de um eleitorado cativo, capaz de garantir-lhe o comando de uma espécie de dinastia política conservadora. O problema de Roriz é que não preparou um sucessor. O senador Valmir Campelo não era o seu candidato. O nome de sua preferência era o de seu secretário de Obras, José Arruda, que se elegeu senador. Arruda, porém, tornou-se vulnerável em função de numerosas acusações de irregularidades que o PT lhe fazia, em decorrência da gerência das obras do metrô.

Valmir Campelo, embora hostilizado pelo núcleo palaciano, dispunha (e dispõe) de boa reputação, além de prestígio pessoal em diversas comunidades. Mas, não sendo da dinastia, acabou no pior dos mundos: pagava o ônus de ter seu nome associado ao do governador, cujo desgaste é crescente e notório, e não recebia deste a compensação do apoio material. Roriz só entrou na campanha na reta final, quando, tardiamente, constatou que eleger Valmir era um problema mais dele que do próprio Valmir.

O senador tem mais quatro anos de mandato e uma folha pessoal inatacável. Já o governador terá que enfrentar a fúria investigatória do PT, que quer levá-lo aos tribunais e liquidar de vez as estruturas de seu império eleitoral, que sonhou alto, mas fracassou. O duelo promete lances emocionantes nos próximos anos.